Ruth Rocha

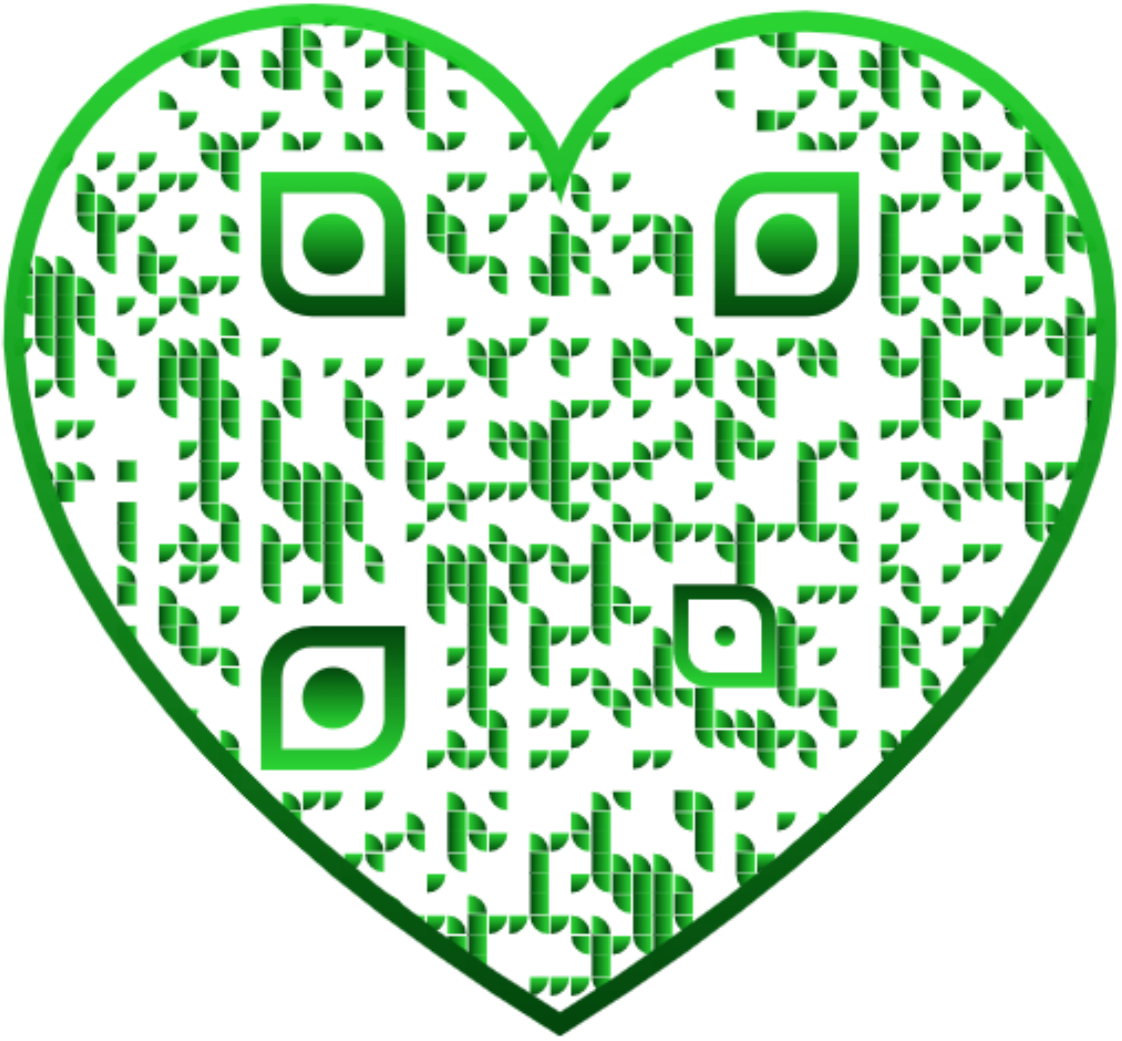
APRESENTA

O Guarani

DA ÓPERA DE ANTÔNIO CARLOS GOMES

ILUSTRAÇÕES DE TERESA BERLINCK

SALAMANDRA



Ruth Rocha

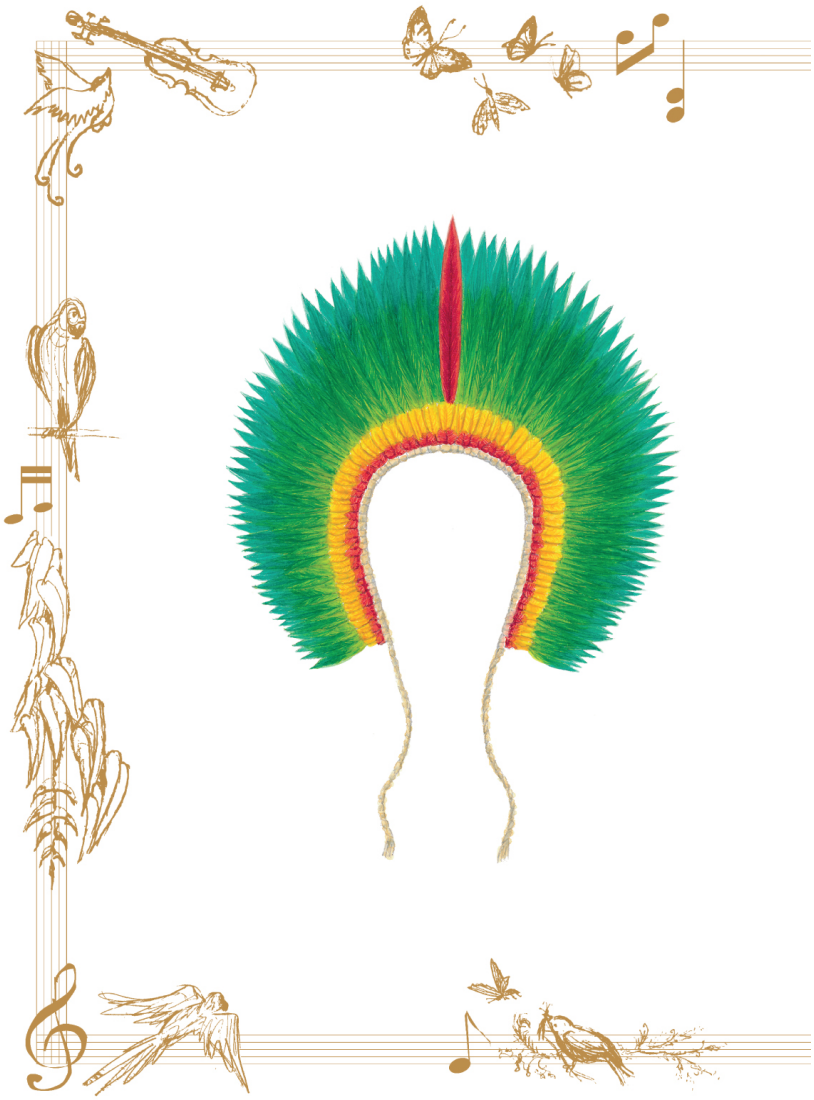
APRESENTA

O Guarani

DA ÓPERA DE ANTÔNIO CARLOS GOMES

ILUSTRAÇÕES DE TERESA BERLINCK

SALAMANDRA



Ruth Rocha

APRESENTA

O Guarani

DA ÓPERA DE

ANTÔNIO CARLOS GOMES

ILUSTRAÇÕES DE

TERESA BERLINCK

SALAMANDRA

~ O Guarani ~

Baseada na obra de mesmo nome de José de Alencar, *O Guarani* conta uma história que se passa no começo da colonização do Brasil, quando os portugueses começaram a vir habitar o nosso país.

É um romance entre uma jovem portuguesa – Cecília – e um índio da tribo dos guaranis – Peri.

Nesse encontro de índios, portugueses e bandeirantes aventureiros, nós podemos imaginar um pouquinho como era o Brasil daquele tempo.

Mas o que faz a beleza dessa ópera é principalmente a música de Carlos Gomes: a abertura se tornou um símbolo da cultura brasileira.

Divirta-se!

Ruth Rocha

Partituta

Introducção. Valsa. Il Guarany.

1 Violino 1º
2 Violino 2º
3 Viola
4 Contra B
5 Flau
6 Clarinete
7 Clarin
8 Tromp
9 Tromp
10 Pisto
11 Tromb
12 Tromb
13 Tromb
14 Bom
15 Ophiclide 1º
16 Ophiclide 2º
17 Bomba

Pepi

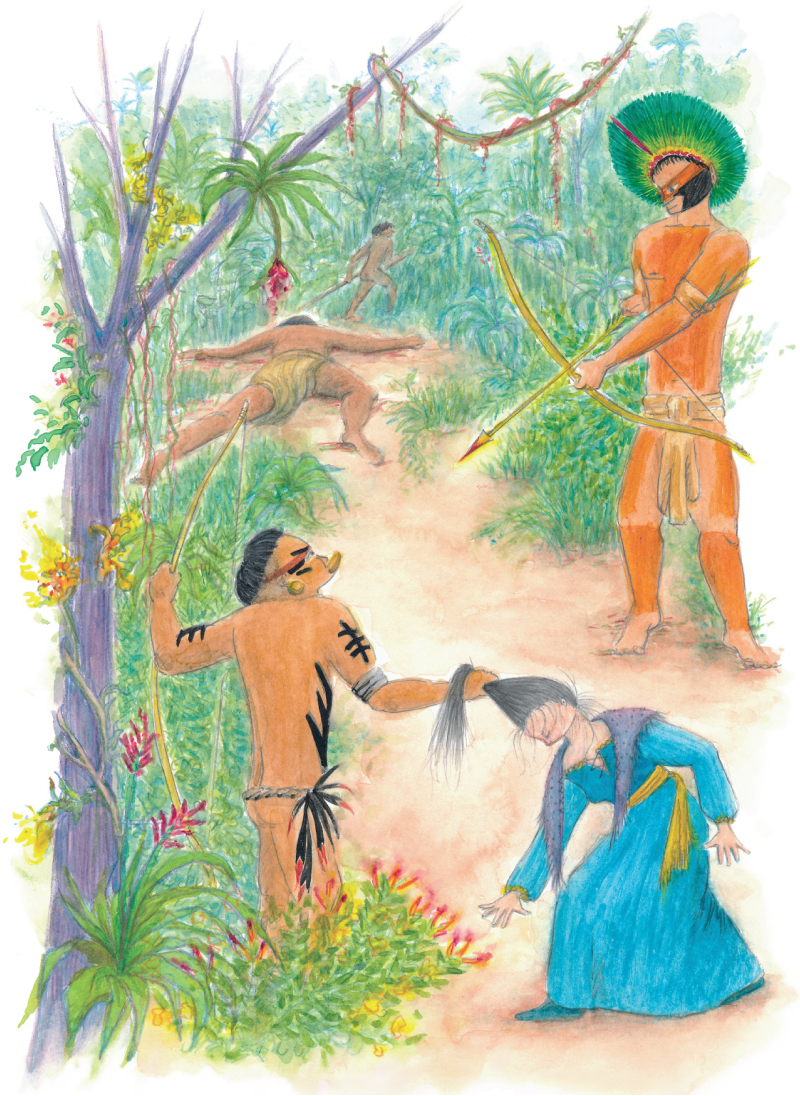
Cecília, a Ceci

~ Personagens ~

Gonzales,
inimigo de D. Antônio

D. Álvares,
pretendente de Ceci

D. Antônio,
pai de Ceci



O Guarani

B

Brasil, primeiros anos da colonização...

Numa clareira da mata misteriosa ergue-se o solar fortificado de D. Antônio de Mariz, fidalgo português que aí vive com sua filha Cecília e seus homens de confiança.

Bem próximo está a taba dos índios aimorés, que são índios guerreiros e muito valentes.

Um incidente infeliz, no qual um dos portugueses fere uma índia aimoré, levanta a aguerrida tribo contra os homens brancos.

Cecília, jovem e bela, indiferente ao perigo que representa a proximidade da tribo enraivecida, sai a passeio pelo bosque. Os índios aproximam-se, sem que ela perceba, e tentam raptá-la.

Neste momento sai da mata o destemido filho do cacique dos guaranis, Peri. A taba guarani fica muito longe. Mas os dois grupos de índios são rivais.

O formidável guerreiro luta contra os aimorés e, embora esteja sozinho, os dispersa.

Toma Ceci nos braços levando-a de volta ao solar.

D. Antônio fica imensamente grato ao salvador de sua filha. Peri e Ceci apaixonam-se irremediavelmente.

Os homens de D. Antônio chegam da caçada, rindo, falando alto e cantando, com alegria:

O caçador que corre atrás de sua presa
corre grande perigo!
Cada canto da selva esconde uma surpresa
cada vulto na sombra pode ser o inimigo.
Por isso é que voltamos na maior alegria
pois vencemos o medo,
E vencemos as feras com a nossa ousadia!

Os companheiros conversam e Gonzales faz troça do amor de D. Álvaro por Cecília.

Todos se riem de D. Álvaro, que está apaixonado.

Mas Gonzales, em silêncio, também ama Cecília, e esconde, porém, de todos, sua inclinação.

D. Antônio vem ao encontro dos caçadores, conta a eles sobre o assalto a Cecília e fala da coragem de Peri, que a salvou.

Peri se aproxima e D. Antônio o apresenta aos amigos.

Os brancos se espantam com a amizade com que D. Antônio trata Peri.

Gonzales exclama:

— Um selvagem! Mas, afinal, quem é este herói?

Peri, com a altivez natural dos índios, apresenta-se:

Filho de cacique, sou grande guerreiro!
Dono destas terras, nação guarani.
Meu povo é valente, bom e verdadeiro.
Vivo nestas matas, me chamam Peri.

D. Antônio aproxima-se de Peri e o abraça.

— Meu amigo! Meu irmão! O que vai acontecer agora? O que devemos fazer? Os aimorés vão nos atacar?

— D. Antônio, pode contar comigo para9 tudo! — responde Peri.

Ouve-se ao longe uma voz apaixonada que canta uma canção de amor.

Coração gentil
Num corpo valente
Leio nos seus olhos
Seu [illegible] ardente
É nele que ponho
O meu pensamento
Por ele é que sonho
E [illegible] a voz ao vento...

Os homens de D. Antônio se entreolham e comentam:

— É por D. Álvaro! Ela está apaixonada...

Cecília continua cantando.

D. Antônio aproveita o momento e apresenta a Cecília o noivo que escolheu para ela: D. Álvaro.

Ceci empalidece e seu pai percebe. E lhe diz com autoridade:

— Filha, é seu dever obedecer-me!

Cecília curva a cabeça, desgostosa:

— Sim, pai! Se é esta a sua vontade.

Peri está um pouco afastado do grupo dos homens, mas acaba ouvindo uma conversa entre Gonzales, Rui e Alonso, e percebe que há entre eles uma conspiração. Eles combinam encontrar-se na gruta para acertar um plano.

Peri resolve que também estará lá para descobrir o que estão tramando.

Entram todos no solar, menos Peri e Ceci.

Ceci chama Peri e pergunta por que ele está indo embora.

— Aqui não é meu lugar — Peri responde.

— Você salvou-me a vida! — diz Ceci. — Terá sempre lugar junto de mim...

— Mas você já está prometida para alguém!

— Meu compromisso é apenas com meu pai! — exclama Cecília.

— Posso acreditar? — pergunta Peri inseguro.

— Sim, sim! — responde Ceci. — Guardo a lembrança dos momentos em que estive em seus braços!

— Oh, Cecília, acredite! Minha vida é toda sua!

— Por que, Peri, por que um homem tão poderoso como você tem tanto carinho por mim?

Peri responde:

Não sei dizer!
Só sei sentir!
Só sei querer
Sem conseguir
Saber por quê.

Não sei por que
O seu sorrir
O seu olhar
Vêm me ferir
Fazem sangrar
Meu coração
De uma emoção
Não sei dizer
Só sei sentir
Só sei querer...

Peri precisa ir-se para saber o que tramam os homens de D. Antônio.

Despede-se carinhosamente de Ceci, que lhe diz:

— Volte para mim!

— Voltarei por você! — responde Peri.

No emaranhado da mata Peri descobre facilmente a gruta. Esconde-se para esperar a chegada dos conspiradores.

Enquanto espera, pensa naquele fato extraordinário que lhe aconteceu: o amor de Ceci, tão diferente dele, mas por quem está disposto a renunciar até mesmo a ser cacique de seu povo.

De repente, Peri ouve passos.

São os traidores que chegam.

Gonzales, Rui e Alonso entram sorrateiramente na gruta.

Gonzales conta aos companheiros que descobriu um grande tesouro escondido no solar de D. Antônio e que está disposto a dividi-lo com eles, se o ajudarem a executar seu plano.

— Primeiro temos que nos livrar de D. Antônio e de seus homens. Além disso, estou louco por Cecília — declara Gonzales —, e pretendo roubá-la de seu pai e de seu noivo. Conto com a coragem de todos!

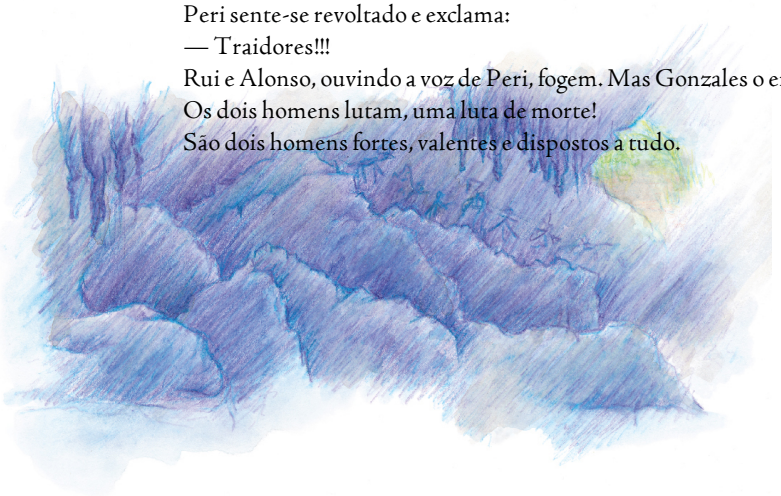
Peri sente-se revoltado e exclama:

— Traidores!!!

Rui e Alonso, ouvindo a voz de Peri, fogem. Mas Gonzales o enfrenta.

Os dois homens lutam, uma luta de morte!

São dois homens fortes, valentes e dispostos a tudo.



Os dois são movidos por grande paixão. Gonzales, pela paixão do ouro. Peri, pelo amor de Ceci.

Os ruídos da luta, os gritos, as ameaças se ampliam, ressoando nas paredes da gruta.

Finalmente vence o Guarani, que derruba o inimigo e o imobiliza com um pé sobre seu peito.

Peri obriga Gonzales a jurar que vai embora e que não voltará nunca mais. Mas, assim que Peri se retira, Gonzales volta a dizer que não renunciará a seus planos.

Num rancho, no fundo da mata, o grupo de aventureiros se reúne para tramar sua traição.

Bebem e cantam seu amor pelo dinheiro:

Nós não temos casa, não temos famílla,
neste fim de mundo viemos viver.
Buscamos fortuna e o ouro que brilha
é a nossa razão pra matar ou morrer!

Gonzales chega ao rancho e todos querem saber o que aconteceu na gruta. O aventureiro disfarça, dizendo que nada aconteceu. Na certa o barulho que ouviram foi causado por algum animal.

— Não vamos deixar que nada nos atrapalhe — diz Gonzales. — Vamos prosseguir com os nossos planos. Não importa o que nos possa acontecer. Mas agora, silêncio! Quando ouvirem um tiro será o sinal para que comecemos a luta!

Cecília entra no seu quarto, iluminado apenas por um lampião e pelos raios da lua cheia que entram pela janela aberta.

Olha para fora:

Como é bela a noite!
Brilha a lua cheia...
Ilumina as águas,
A mata incendeia...

Assim é a paixão
Brilhante e atrevida
Incendeia a alma
Ilumina a vida!

Ceci pega o violão e começa a cantar:

Era um jovem altivo.
Belo e pensativo,
Vivia a sonhar...
Mas não queria amar!

Era forte, era vivo,
Leal e compassivo,
Tinha um brilho no olhar.
Mas não queria amar...

Um dia, linda dama
Surgiu pra transformar
O belo cavaleiro.
Ele teve que amar!

Ceci larga o violão e recosta a cabeça no travesseiro:
— Oh, Peri — ela pensa —, você tem que me amar!

Mais tarde, enquanto Ceci dorme, Gonzales entra sorrateiramente pela janela. A casa está mergulhada no silêncio. Ele se aproxima do leito e ilumina a moça com seu lampião.

Cecília acorda assustada.

— Quem está aí? — ela grita.

— Calma, menina — diz Gonzales.

— Como entrou aqui? — Cecília pergunta. — A essa hora!

— Foi o amor o meu guia — diz Gonzales esperançoso.

— Você está louco. Louco! — grita Cecília. — Saia já daqui!

Gonzales tenta primeiro convencer Ceci; depois, tenta abraçá-la.

Mas uma flecha certeira fere Gonzales e se crava na parede.

Cecília exclama:

— Estou salva! É Peri!

Gonzales, assustado, atira, dando, sem querer, o sinal para que seus comparsas iniciem a revolta.

D. Álvaro entra e Cecília, muito assustada, desmaia nos seus braços.

D. Álvaro está atônito:

— O que está acontecendo aqui?

Gonzales, acovardado, disfarça e tenta balbuciar uma desculpa.

Nisso os aventureiros que ouviram o tiro entram. Na frente, Rui e Alonso.

Os outros moradores do solar também vão chegando, atraídos pelo ba rulho. Peri entra também e revela os planos de Gonzales.

D. Antônio fica perplexo com tamanha traição:

— Quem trai o próprio amigo para sempre será maldito!

Peri e D. Álvaro imobilizam os traidores.

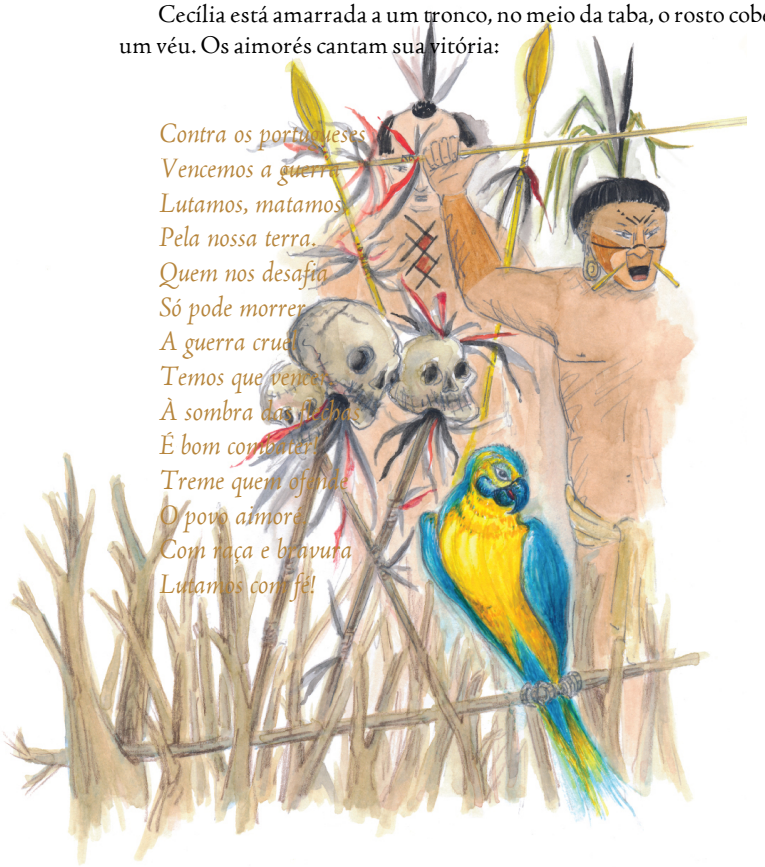
Gonzales ainda tenta lutar, mas ouvem-se então os índios aimorés que se aproximaram para invadir o solar.

Peri grita:

— Todos às armas!

Estamos agora na aldeia dos aimorés, onde estão todos em festa. Os índios não só venceram os brancos, como fizeram prisioneiros. Entre eles, Ceci.

Cecília está amarrada a um tronco, no meio da taba, o rosto coberto por um véu. Os aimorés cantam sua vitória:



Contra os portugueses
Vencemos a guerra
Lutamos, matamos
Pela nossa terra.
Quem nos desafia
Só pode morrer
A guerra cruel
Temos que vencer
À sombra das árvores
É bom combater
Treme quem ofende
O povo aimoré
Com raça e bravura
Lutamos com fé!

O cacique chega entre grandes manifestações dos guerreiros:

— Onde está a prisioneira? — ele pergunta.

Os índios apontam para onde está Cecília.

O cacique, com muita arrogância, dirige-se à moça e arranca-lhe o véu do rosto. Mas sua atitude modifica-se imediatamente. Vendo Cecília de perto, ele fica desarmado pela beleza de seu rosto.

Os índios se exaltam diante da insegurança do chefe:

— Ela deve morrer! — eles gritam. — Morte aos brancos!

Mas o cacique impede que Cecília seja atacada e declara que ela será sua.

Neste momento, um novo prisioneiro chega, arrastado por um grupo de guerreiros.

É Peri.

Ceci e Peri se veem e, apesar da situação tão difícil, ficam felizes, pois ambos estão vivos.

O cacique avança sobre Peri:

— Ah! O amigo dos portugueses! Morte aos amigos dos brancos!

Mas antes de sacrificar Peri, o cacique concede ao índio seu último desejo: ficar a sós com Ceci por alguns momentos. Os aimorés soltam os prisioneiros e afastam-se para longe.

Ceci e Peri abraçam-se com desespero:

— Fuja depressa — diz Ceci. — Fuja!

Peri responde:

— Não! Tenho que ficar! Fuja você! Tenho que ficar para tentar salvar a todos.

— Não, Peri, você vai morrer e eu quero morrer também!

Os aimorés voltam e a oportunidade para fugir está perdida.

Enquanto os índios estão ocupados com a cerimônia da matança do guerreiro, chega D. Antônio com seus homens fiéis. Invadem a aldeia e, com suas armas de fogo, conseguem atingir o cacique.

Os outros índios fogem.

Rui, Alonso e Gonzales reúnem-se num dos porões do solar. Eles já sa bem que D. Álvaro está ferido e Cecília e Peri estão salvos.

Comentam que o grupo de D. Antônio está muito desfalcado, que não poderá resistir a um ataque.

— Além disso — gaba-se Gonzales —, temos os aimorés do nosso la do. Vamos lhes entregar o velho, e Cecília será minha. Quanto a Peri, que ro acabar com ele pessoalmente.

Mas o que os traidores não sabem é que D. Antônio pode ouvi-los da sala em que está, através de uma abertura que liga o andar de cima aos porões.

Nesse momento Peri encontra D. Antônio, que, muito comovido, o abraça.

— Você escapou! Sobreviveu a tudo! — diz D. Antônio.

— Sim, senhor! Eu tinha que vir ajudá-lo.

— Então parta, Peri. Seremos atacados dentro de pouco tempo. Não temos mais como nos defender. Você, sozinho, pode escapar.

— Não há mais esperança, então? — pergunta Peri.

— Nenhuma! Eu mesmo, para não me entregar, vou explodir o solar. Ninguém escapará!

— Por favor, senhor, deixe que eu leve Cecília. Posso levá-la atravessando as águas que cercam o solar.

Cecília entra e corre ao encontro do pai.

— Não podemos perder tempo — diz D. Antônio. — Vá com Peri, Cecília. Ele vai salvar você!

— Mas eu não posso ir sem meu pai.

— Vá, Cecília, obedeça a seu pai.

— Não! — diz Cecília.

Mas ouvem-se então as vozes dos traidores:

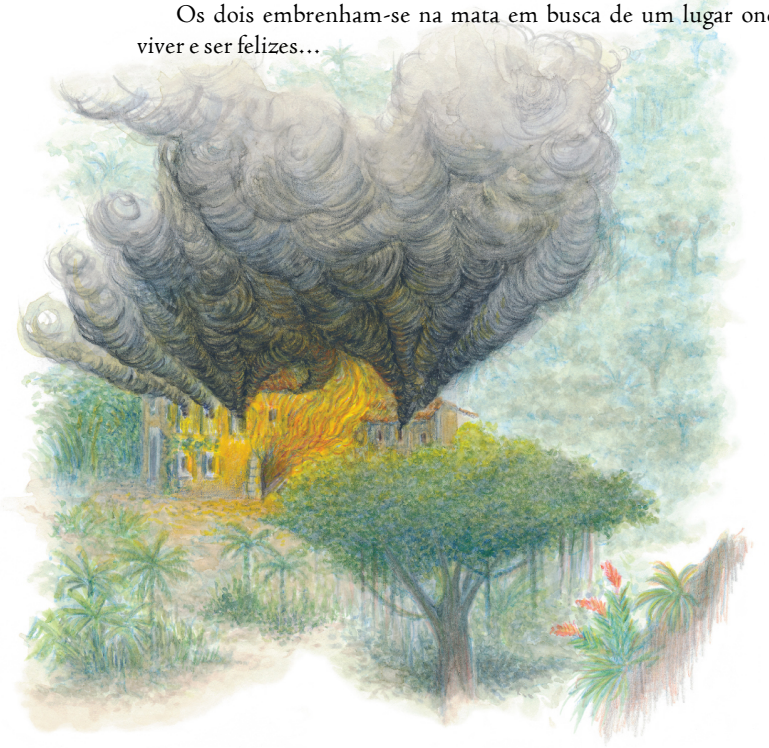
— Morte! Morte a D. Antônio!

Cecília perde os sentidos. Peri toma Ceci nos braços e sai pela janela.

No momento em que os traidores conseguem derrubar a porta e avan çar contra D. Antônio, o velho arranca um archote da parede e o joga sobre os barris de pólvora que estão na escada. Os barris explodem.

Do alto de uma colina Ceci e Peri, abraçados, assistem ao terrível incên dio do solar.

Os dois embrenham-se na mata em busca de um lugar onde possam viver e ser felizes...



A ópera

No final do século XVI, na Itália, apareceu um novo gêneroartístico:a **ópera**. Tratava-se de um drama ou de uma comédia encenada como uma peça tradicional de teatro, mas a novidade é que o texto deixava de ser recitado e passava a ser cantado com acompanhamento de orquestra ou algum tipo de conjunto, como um musical de hoje em dia.

Havia também dança, e artistas e artesãos que cuidavam dos cenários, dos figurinos e dos adereços.

Foi um sucesso: da Itália a ópera se espalhou para a França, Inglaterra, Alemanha e Espanha. Com o passar do tempo, alcançou lugares mais distantes, e no século XIX já existia ópera na Rússia, nos Estados Unidos, na América Latina e também no Brasil.

Mesmo com a popularização do cinema e da televisão, a ópera continua sendo apreciada no mundo todo, seja

em peças cômicas, como *O barbeiro de Sevilha*, seja em obras românticas, como *Carmen* e *O Guarani*.

Antônio Carlos Gomes

Em 1836 nasceu Antônio Carlos Gomes, filho de Maneco Músico e de Dona Fabiana, moradores de Campinas, em São Paulo. A infância e a juventude de Carlos Gomes foram difíceis: ele trabalhou desde menino e também tocava na bandinha do pai. Graças ao seu talento, conseguiu estrear em São Paulo, aos 18 anos, sua primeira obra importante: *A missa*. Já no Rio de Janeiro encenou com sucesso duas óperas de sua autoria: *A noite do castelo* e *Joana de Flandres*. D. Pedro II, que gostava muito de música, ofereceu então a ele uma bolsa de estudos para que pudesse terminar sua formação em Milão, capital da ópera, na época.

Carlos Gomes se adaptou muito bem à Itália, mas não se esqueceu do Brasil e, conta a lenda que, ao ouvir um garoto na rua anunciar a edição italiana de *O Guarani*, de José de Alencar, teve a ideia de compor uma ópera contando essa história. A estreia aconteceu em 1870 e trouxe, ao compositor, fama internacional. Consagrado como o maior autor operístico do Brasil, morreu em Belém do Pará, em 1896.

Ruth Rocha

Na minha infância, a história sempre esteve presente. Contos de fadas, *As mil e uma no*

folclóricos... Lidos e contados por minha mãe, meu pai e, especialmente, meu avô Ioiô.

Meu avô conhecia e contava todas as histórias que existiam, mas sempre a[illegible]ientad

de onde a família viera. Os personagens falavam de lugares co[illegible]s eng

Caixaprego e Ladeira do Escorrega. E as histórias sempre aca[illegible]stas c

cheias de doces gostosos, como papos de anjo, amor aos pedaços, alfenins...

Por isso eu digo que a história entrou na minha vida pelo caminho mais efetivo: o caminh

Hoje sou eu que conto histórias. Para todas as crianças: as que gostam de con

também aquelas, como minha filha, que gostava de histórias do cinzeiro, da mesa, d

partir de uma pergunta feita por ela que eu escrevi *Romeu e Julieta*, meu primeiro conto

na revista *Recreio*. E desde então não parei mais. Deixei que a profissão de escritora me

e fui inventando essa profissão.

Agora, com mais de 40 anos de carreira, tenho a felicidade de ver toda [illegible] minha obr

Biblioteca Ruth Rocha, publicada pela Editora Salamandra.

Texto © 2012 Ruth Rocha.
Editora Salamandra, 2012: 1ª edição reformulada.
Publicações anteriores: Editora Callis: 1ª edição, 1994;
2ª edição, 1997; 7ª edição, 2001.
Ilustrações © 2012 Teresa Berlinck.

1ª edição digital 2013
ISBN 978-85-16-08908-5
Reprodução proibida.
Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.
Todos os direitos reservados.
Editora Moderna Ltda.
Rua Padre Adelino, 758 - Belenzinho
São Paulo - SP - Brasil - CEP 03303-904
Atendimento: tel. (11) 2790 1258 e fax (11) 2790 1393

www.salamandra.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Rocha, Ruth
Ruth Rocha apresenta O guarani [livro eletrônico] / da ópera de Antonio Carlos Gomes ; ilustrações de Teresa Berlinck . -- 1. ed. -- São Paulo : Moderna, 2013. -- (Série Ruth Rocha apresenta)
45 Mb ; ePUB

ISBN 978-85-16-08908-5

1. Óperas - Literatura infantojuvenil I. Gomes, Antonio Carlos, 1836-1896. II. Berlinck, Teresa. III. Título. IV. Série.

13-05995 CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Óperas : Literatura infantil 028.5
2. Óperas : Literatura infantojuvenil 028.5